

ELEGIA GREGA ARCAICA

Uma Antologia

Giuliana Ragusa
&
Rafael Brunhara

*Organização, Introdução, Tradução,
Comentários e Notas*


Ateliê Editorial


M N E M A

Sumário

INTRODUÇÃO.....	11
<i>O Gênero Elegíaco e sua Terminologia</i>	11
<i>Elegia e Ocasão de Performance</i>	17
<i>Escopo e Abrangência da Antologia. Tradução e Apresentação</i>	20

OS POETAS E SEUS FRAGMENTOS:

APRESENTAÇÕES, TRADUÇÕES, COMENTÁRIOS E NOTAS

1. CALINO (ÉFESO – c. 650 A.C.).....	25
<i>O Poeta</i>	25
<i>Fragmentos</i>	26
Fragmento 1.....	26
Fragmentos 2-2a.....	31
Fragmentos 4-5a.....	33
2. TIRTEU (ESPARTA – c. 640 A.C.).....	35
<i>O Poeta</i>	35
<i>Fragmentos</i>	38
Fragmento 2.....	38
Fragmento 4.....	40

Fragmento 10.....	43
Fragmento 11.....	49
Fragmento 12.....	53
3. ARQUÍLOCO (ILHA DE PAROS – c. 680-640 A.C.).....	61
<i>O Poeta</i>	61
<i>Fragmentos</i>	66
Fragmento 1.....	66
Fragmento 2.....	69
Fragmento 4.....	72
Fragmento 5.....	75
Fragmentos 8-13 (Sobre o Naufrágio).....	79
“Elegia de Télefo”.....	87
4. MIMNERMO (ESMIRNA – c. 630 A.C.).....	93
<i>O Poeta</i>	93
<i>Fragmentos</i>	97
Fragmento 1.....	97
Fragmento 2.....	103
Fragmento 4.....	108
Fragmento 5.....	110
Fragmento 6.....	112
Fragmento 9.....	113
Fragmentos 11 e 11a.....	117
Fragmento 12.....	119
Fragmento 13a.....	122
Fragmento 14.....	123
5. SÓLON (ATENAS – c. 640-560 A.C.).....	127
<i>O Poeta</i>	127
<i>Fragmentos</i>	129
Fragmento 1.....	129
Fragmento 2.....	131
Fragmento 3.....	132

Fragmento 4.....	134
Fragmentos 4a-4c.....	146
Fragmento 5.....	148
Fragmento 6.....	150
Fragmento 9.....	151
Fragmento 13 (“Hino às Musas”).....	153
Fragmento 19.....	164
Fragmento 20.....	168
Fragmento 25.....	170
Fragmento 26.....	172
Fragmento 27.....	174
 6. TEÓGNIS E TEOGNIDEIA (MÉGARA – c. 600 A.C.).....	 177
<i>O Poeta (e a Coleção que Leva seu Nome)</i>	177
<i>Livro I</i>	182
Versos 19-38.....	182
Versos 39-52.....	186
Versos 53-68.....	189
Versos 87-90.....	190
Versos 101-112.....	192
Versos 133-142.....	193
Versos 211-212.....	195
Versos 215-218.....	196
Versos 237-254.....	198
Versos 313-314.....	201
Versos 323-328.....	202
Versos 877-878.....	202
Versos 983-988.....	203
<i>Livro II</i>	204
Versos 1275-1278.....	204
Versos 1311-1318.....	205
Versos 1327-1334.....	206
Versos 1353-1356.....	207

7. ANACREONTE (TEOS – c. 550 A.C.)	209
<i>O Poeta</i>	209
Fragmento 2.	210
8. XENÓFANES (CÓLOFON – c. 565-470 A.C.)	215
<i>O Poeta</i>	215
<i>Fragmentos</i>	217
Fragmento 1	217
Fragmento 2.	221
Fragmento 3.	225
Fragmentos 7-7a.	226
Fragmento 8.	228
9. SIMÔNIDES (ILHA DE CEOS – c. 556-468/64 A.C.)	231
<i>O Poeta</i>	231
<i>Fragmentos</i>	233
Fragmento 11	233
Fragmento 15	239
Fragmento 16.	240
Fragmento 19.	242
Fragmento 20	243
Fragmento 21.	244
Fragmento 22.	246
10. ÁSIO (ILHA DE SAMOS – c. 550 A.C.)	251
<i>O Poeta</i>	251
Fragmento 1.	251
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.	253
ÍNDICE ONOMÁSTICO (AUTORES ANTIGOS).	263

1

Calino

Éfeso – c. 650 a.C.

O POETA

Calino (ativo em c. 650 a.C.), Tirteu e Arquíloco são os primeiros poetas elegíacos de que temos notícia. Virtualmente contemporâneos, é provável que o primeiro seja o mais antigo. Sua datação é inferida por referência na *Geografia* (XIII, 4, 8) de Estrabão (séculos I a.C.–I d.C.), que cita o Fragmento 5a e mostra que Calino tinha conhecimento dos cimérios e dos treres, tribo proveniente da Trácia e responsável pela queda de Sárdis, capital da Lídia (Ásia Menor), em 652 a.C.; com tal vitória, esse povo teria em seguida assolado outras cidades da Ásia Menor, dentre elas, na região da Jônia, Éfeso, a pátria do poeta.

A anterioridade de Calino em relação a Arquíloco é defendida pelo próprio Estrabão (XIV, 1, 40), ao mencionar uma guerra entre magnésios e cimérios. Embora não haja um consenso sobre qual seria esta guerra, Estrabão sugere a antiguidade do poeta, porque Calino, em seus poemas, teria reconhecido os magnésios como povo ainda próspero, previamente à sua destruição completa já indicada em Arquíloco, que fala em um poema dos “males dos magnésios” (τὰ Μαγνήτων κακά, Fr. 20)¹.

1. P. da C. Corrêa, *Armas e Varões. A Guerra na Lírica de Arquíloco*, p. 186.

Considerado pelo filósofo Proclo (século v d.C.) – segundo o resumo que de sua obra na *Biblioteca* (239b) faz o patriarca e lexicógrafo Fócio (século ix d.C.) – como um dos melhores poetas elegíacos, ao lado de Mimnermo, Calino, de cuja biografia quase nada sabemos, lamentavelmente nos chegou em estado bastante precário: apenas cinco fragmentos nos restaram de sua poesia elegíaca, todos de matéria bélica, dentre os quais só um é plenamente legível, qual seja, o Fragmento 1, que consiste em exortação ao combate, com pouco mais de vinte versos. Devido à sua matéria, o fragmento mostra afinidade com fórmulas e tópicos presentes na poesia épico-homérica, sobretudo na *Iliada*.

É de supor, a partir disso, que a elegia de cunho marcial e a épica tinham acesso a uma mesma tradição, sem que Homero tivesse influenciado direta e necessariamente Calino. No entanto, é possível também que o poeta assumisse uma filiação mais direta com o grande poeta épico, se levarmos em conta que o viajante do século ii d.C., Pausânias (*Descrição da Grécia*, ix, 9, 5), noticia um poema de Calino em que Homero seria por ele citado nominalmente como autor de um poema de guerra, a *Tebaida*.

FRAGMENTOS

FRAGMENTO 1

μέχρις τέο κατάκεισθε; κότ' ἄλκιμον ἔξετε θυμόν,
 ᾧ νέοι; οὐδ' αἰδεῖσθ' ἀμφιπερικτίονας
 ᾧδε λίην μεθιέντες; ἐν εἰρήνῃ δὲ δοκεῖτε
 ἦσθαι, ἀτὰρ πόλεμος γαῖαν ἅπασαν ἔχει

5 καί τις ἀποθνήσκων ὕστατ' ἀκοντισάτω.
 τιμῆν τε γάρ ἐστι καὶ ἀγλαὸν ἀνδρὶ μάχεσθαι
 γῆς πέρι καὶ παίδων κουριδίης τ' ἀλόχου
 δυσμενέσιν· θάνατος δὲ τότε ἔσσεται, ὅπποτε κεν δῆ
 10 Μοῖραι ἐπικλώσωσ'. ἀλλὰ τις ἰθὺς ἴτω

ἔγχος ἀνασχόμενος καὶ ὑπ' ἀσπίδος ἄλκιμον ἦτορ
 ἔλσας, τὸ πρῶτον μειγνυμένου πολέμου.
 οὐ γάρ κως θάνατόν γε φυγεῖν εἰμαρμένον ἐστὶν
 ἄνδρ', οὐδ' εἰ προγόνων ἦι γένος ἀθανάτων.
 15 πολλάκι δηϊότητα φυγῶν καὶ δοῦπον ἀκόντων
 ἔρχεται, ἐν δ' οἴκῳ μοῖρα κίχεν θανάτου,
 ἀλλ' ὁ μὲν οὐκ ἔμπης δῆμῳ φίλος οὐδὲ ποθεινός·
 τὸν δ' ὀλίγος στενάχει καὶ μέγας ἦν τι πάθῃ·
 λαῶι γὰρ σύμπαντι πόθος κρατερόφρονος ἀνδρός·
 20 θνήσκοντος, ζῶων δ' ἄξιος ἡμιθέων·
 ὥσπερ γάρ μιν πύργον ἐν ὀφθαλμοῖσιν ὀρώσιν·
 ἔρδει γὰρ πολλῶν ἄξια μοῦνος ἐών.

Até quando ficareis reclinados? Quando tereis um ânimo valente,
 jovens? Não tendes vergonha² dos vizinhos à volta,
 assim tão relaxados? Em paz vós pensais estar
 sentados, mas a guerra toma toda a terra.

.....

5 Que cada um, a morrer, no fim atire a lança.
 Pois é honroso e esplêndido para um homem combater
 pela terra, pelos filhos e pela esposa legítima
 contra os inimigos. Um dia a morte virá, quando
 as Moiras fiarem. Então, avante, cada um,
 10 brandindo a lança e resguardando atrás do escudo
 um valente peito, tão logo a guerra se misture;
 Pois de modo algum está destinado ao homem fugir da morte,
 mesmo que seja da raça de ancestres imortais;
 muitas vezes quem foge à luta e ao estridor dos dardos

2. No original, *aideisthe*. Refere-se ao *aidós*, que pode ser traduzido como “vergonha” ou “respeito”. É uma palavra-chave da ética guerreira presente na *Iliada*. Em termos mais específicos, é o autorreconhecimento do lugar ocupado por si próprio na sociedade e das obrigações que acompanham este lugar. Num momento como o representado pela elegia de Calino, o principal ato social dos jovens é o combate: falhar ou ignorar esse papel deveria ser-lhes vergonha maior do que a própria morte.

- 15 retorna, mas em casa o destino da morte o pega;
 esse não é caro ao povo, nem dele se tem saudade;
 o outro, pequeno e grande lamentam, se sofre algo;
 Pois todo o povo tem saudade do varão valoroso
 que morre, e, vivo, é digno de semideuses;
 20 em seus olhos o veem como uma torre:
 cumpre façanhas dignas de muitos, mas é um só.

Um dos temas prediletos da elegia grega arcaica é a exortação marcial, a ponto de ser considerada um subgênero dessa poesia, com expedientes e características delimitadas³. Por causa de sua afinidade temática com a épica homérica, compartilha de sua dicção e se vale do mesmo sistema de fórmulas para representar a batalha. O helenista Ewen Bowie propõe, em “*Miles Ludens?*”⁴, que esta modalidade de elegia tinha como ocasião de *performance* o simpósio, o que a distinguiria, porque inserida nesse contexto de fruição poética, da simples exortação marcial ou do canto bélico de marcha (*polemistéria*).

É de Calino o exemplo mais antigo de elegia exortativa marcial. O Fragmento 1 foi preservado por Estobeu (século v d.C.) na *Antologia* (IV, 10, 12), na seção dedicada ao “elogio da coragem” (*épainos tólmēs*); e seus quatro versos iniciais parecem acenar ao simpósio como ocasião de *performance*. O poeta emprega um verbo típico da reunião simposial (*katákeisthe*, 1), traduzido como “reclinados” e, dessa maneira, indica nos convivas seus interlocutores.

Depois dos versos 1-4, há uma lacuna; nos versos perdidos, não sabemos quantos, talvez o poeta mencionasse o conflito específico no qual ele estava inserido. Estobeu pode ter subtraído a citação para manter em foco o tom exortativo que domina a elegia a partir dos versos seguintes. Os versos 5-21 ficcionalizam a guerra, aproximando do simpósio o mundo da épica guerreira a partir da representação de um sistema de valores heroicos e do uso de uma linguagem tipicamente homérica,

3. C. Carey, “Genre, Occasion and Performance”, p. 38.

4. E. L. Bowie, “*Miles Ludens?* The Problem of Martial Exhortation in Greek Elegy”, pp. 221-229.

aliada a descrições vívidas do combate – a chamada *enárgeia*. Recusando o simpósio, Calino passa a descrever a guerra positivamente, segundo o mesmo código heroico dado na tradição épico-homérica. O poeta exorta os jovens à morte em combate, pois isso significa obter *kléos*, a glória embasada no grande feito que immortaliza; significa coroar a existência, garantindo a permanência na memória dos concidadãos (18-19).

O poeta mostra a superioridade da morte em combate por meio de dois argumentos com forte atestação épico-homérica. Primeiro, de que a morte é o destino comum a todos, tecida nos fios das divindades que o regem, as Moiras (8-9), e nem mesmo um “ancestre imortal” (13) pode escapar dela (12-13). Não é difícil, na multidão de heróis descendentes de divindades na *Ilíada*, encontrar um que se enquadre nesta categoria. O segundo argumento, nos versos 14-15, desenvolve o dos versos 8-9: uma vez que todos estão sujeitos a morrer, uma morte gloriosa em combate é melhor e mais honrosa do que a anônima, em casa. Lembramos aqui as célebres palavras de Aquiles, único herói a quem é permitido escolher seu fado, uma vida breve e encerrada durante a guerra de Troia, mas celebrada por todos os pósteros, ou uma vida longa, após a guerra, porém anônima (IX, 410-6). O herói da *Ilíada* certamente escolhe a vida curta que lhe conferirá, pela bravura de seus feitos guerreiros, *kléos áphthiton* (“glória imperecível”, 413) – função da poesia épica, diz o poema dela autoconsciente –, em consonância com o código heroico representado pelo mundo iliádico. Tal código vem explícito na fala de outro guerreiro, desta vez do lado dos troianos, o aliado lício Sarpédon, que conjuga os dois argumentos levantados na posterior elegia de Calino, quais sejam, de que ninguém pode escapar à morte e de que a morte gloriosa supera qualquer outra⁵:

ὦ πέπον εἰ μὲν γὰρ πόλεμον περὶ τόνδε φυγόντε
αἰεὶ δὴ μέλλοιμεν ἀγήρω τ' ἀθανάτω τε
ἔσσεσθ', οὐτέ κεν αὐτὸς ἐνὶ πρώτοισι μαχοίμην
325 οὐτέ κε σὲ στέλλοιμι μάχην ἐς κυδιάνειραν·

5. F. Lourenço (trad.), *Homero. Ilíada*, XII, 322-328.